

### Kuniichi Uno: um pensamento filosófico além do dualismo Oriente-Occidente

UNO, K. *A gênese de um corpo desconhecido*. Trad. de Christine Greimer. São Paulo: n.1 Edições, 2012. 290 p.

Ana Amélia Corazza Genioli\*

**Resumo:** Este livro inédito do filósofo japonês Kuniichi Uno apresenta 11 ensaios sobre o corpo, a dança, o teatro, o cinema e a biopolítica com reflexões que tomam como referência obras de Nijinsky, Tanaka Min, Hijikata, Artaud, Beckett, Genet e Deleuze. A dança e os escritos de bailarinos japoneses inspiraram-no a pensar sobre o corpo a partir do movimento. O encontro desse corpo, pelos autores trazidos por Uno, não se dará de maneira “positiva”, mas pela “transgressão” da razão, pela crueldade do pensamento, pelos interstícios, pelas fissuras, pela realidade que excede o texto. O que interessa a Uno nos autores franceses é a forma como desestabilizam os aspectos mais cartesianos e dogmáticos da filosofia da razão europeia, ou seja, é aquilo que os aproxima do Oriente.

**Palavras-chave:** Arte. Corpo. Dança. Teatro. Biopolítica.

**Abstract:** This new book of Japanese philosopher Kuniichi Uno presents 11 essays that revolve around the body, dance, theater, film and biopolitics, through works of Nijinsky, Tanaka Min, Hijikata, Artaud, Beckett, Genet and Deleuze. The dance and the writings of Japanese dancers inspired him to think about the body from the movement. The encounter of such body, by the authors brought by Uno, will be not in a “positive” way, but by the “transgression” of reason, by the cruelty of thought, by interstices, by fissures, by the reality that exceeds the text. They are works that destabilize the most Cartesian and dogmatic aspects of European philosophy of reason, in other words, what brings them to the East.

**Keywords:** Art. Body. Dance. Theatre. Biopolitics.

O lançamento de *A gênese de um corpo desconhecido* traz uma inédita oportunidade de ler 11 ensaios de Kuniichi Uno sobre temas relacionados à dança, ao teatro, ao cinema, às questões do corpo e da biopolítica. O trabalho está publicado em edição bilíngue – português e inglês – com prefácio e tradução para o português de Christine Greiner.

Uno encontrou em uma frase em *A imagem-tempo*, de Deleuze, não só o título, mas também o eixo condutor para reunir os ensaios.

Essa escolha talvez possa indicar a importância do filósofo francês no percurso e trabalho do autor. Uno, que atualmente é professor na Universidade de Rikkyo, em Tóquio, fez mestrado e doutorado na Universidade de Paris VIII, sob a supervisão de Deleuze, e é também tradutor para o japonês de obras fundamentais do próprio Deleuze e de Guattari, de Artaud e Beckett, além de autor de outros 18 livros.

*A gênese de um corpo desconhecido* reúne textos escritos em francês, para conferências ou publicações já realizadas, e nasceu do esforço conjunto de Christine

---

\* Artista e arquiteta pela PUC-Campinas. Mestre e doutoranda pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Membro do Núcleo de Estudos de Espacialidades Contemporâneas (NEC-USP). *E-mail:* anagenioli@me.com

Greiner e Peter Pál Pelbart para apresentar o pensamento de Kuniichi Uno aos leitores de língua portuguesa e inglesa. No prefácio do livro, Christine Greiner declara que “há uma grande lacuna editorial no Brasil no que diz respeito aos pensadores japoneses contemporâneos”. (2012, p. 11).

É interessante observar que a obra de Uno ultrapassa o dualismo Oriente-Occidente, traçando fluxos importantes entre o Japão e a França, um dos berços da cultura ocidental. Isso não significa ausência de dificuldades de tradução para o japonês de obras tão densas como as de Deleuze e Guattari. Em ensaio para a revista francesa *Multitudes*, Uno explicou que os dois grandes problemas na tradução desses autores foram, em primeiro lugar, cortar e ordenar as longas frases em francês que comportam inúmeros pronomes relativos (*qui, que, dont, le quel, laquelle...*), os quais não existem na língua japonesa, e, em segundo, traduzir os numerosos neologismos e as metáforas tal como ocorre com o uso da palavra “rizoma”. Recusando uma tradução literal, “palavra por palavra”, Uno optou por modificar continuamente os termos segundo seu contexto. Dessa forma, ele pôde manter os ritmos, as sutilezas e a originalidade do estilo dos autores.

Em *A gênese de um corpo desconhecido*, Uno proporciona acesso ao pensamento de autores traduzidos por ele para o japonês e também nos oferece a oportunidade de conhecer as obras de seus amigos dançarinos Hijikata e Tanaka Min, cujos trabalhos inspiraram-no a pensar o que é o corpo a partir do movimento.

O corpo, que para o autor é trazido como “corpo sem órgãos”, segundo as definições de Artaud (1974) e Deleuze (1976), lhe abriu uma ampla rede de conexões temporais, políticas e sociais para analisar a vida que corresponde ao corpo.

Todo o texto do livro se encaminha à procura por singularidades, por um “corpo sem órgãos”, “um corpo verdadeiro em sua exata realidade, seu dinamismo puro, sua vitalidade nua” (p. 41), numa clara posição contra a usurpação da vida em uma sociedade funcional e produtiva. Mas a busca desse corpo, pelos autores trazidos por Uno, não ocorre de maneira “positiva”, mas pela “transgressão” da razão, pela crueldade do pensamento, pelos interstícios, pelas fissuras, pela realidade que excede o texto.

Logo no início de seu livro, Uno faz uma leitura do diário de Nijinsky, em que descreve o sentimento como princípio da vida. O autor explica o sentido de movimento no texto do diário, como correspondendo aos ritmos de um corpo que dança. Até mesmo a mobilidade se transfigura na continuação do movimento. A escrita de Nijinsky desenvolve-se na ambivalência da desterritorialização e reterritorialização do corpo e, também, no limiar da esquizofrenia.

*Variações sobre a crueldade* trata da crueldade do pensamento na obra de Artaud ou, ainda, da disjunção entre o pensamento e o corpo num limite que vai possibilitar a comunicação ampliada ao máximo. Num culto paradoxal, Artaud cultua a carne, mas abomina os órgãos. Os órgãos são para ele todos os limites da vida orgânica, suas instituições, organizações e vigilância que moldam a vida, suas forças vitais, incluindo a libido e o desejo.

Em *Esse pequeno nada entre os limites*, Uno observa que, para nos aproximarmos da presença do corpo, é preciso buscar uma linguagem universal que esteja além da linguagem habitual, no seu desdobramento e subversão. Mas isso não significa o abandono da língua, da escrita ou do teatro. Em grande parte do texto, Artaud e Beckett irão testar determinados usos da língua, no estado-limite dos sentidos, de sua possibilidade de comunicação e de expressão. Uno parece, assim, querer desmontar qualquer articulação preconcebida dentro da linguagem, qualquer movimento que seja desprovido de consciência.

Outro ensaio analisa a questão do tempo em aspectos singulares que permeiam a obra de Genet. O escritor, destituído do espaço pela passagem por prisões, tem o tempo como a única possibilidade de superação do aprisionamento. O tempo, no caso, entendido como o que é inerente à vida, vai ser transformado em espaço e será sua liberdade. Para Genet o tempo, de forma vazia, indeterminado, coexiste com o branco do papel, que também pode ser preenchido. Há uma passagem muito delicada em que Uno conta como Genet explica esse branco por meio dos quadros de Giacometti: “Os traços sendo utilizados não para que ganhem valor significativo, mas com o único fim de darem toda a significação aos brancos.” (GENET, 1979 apud UNO, 2012, p. 104).

E Uno vai do desenho ao texto de *Um cativo apaixonado*, um livro que Genet escreveu sobre suas visitas aos campos de palestinos refugiados entre 1970 e 1984. Nesse texto, Genet descreve como ocupa uma página “de cima a baixo por minúsculos signos pretos, letras, vírgulas, pontos de exclamação, e é graças a eles que dizemos que essa página é legível”. (GENET, 1986 apud UNO, 2012, p. 82). Mas logo se questiona se a realidade corresponderia a esse conjunto de signos pretos. É como se entre o que Genet presenciou e o que escreveu existisse uma “lacuna indelével”, que a escrita não consegue traduzir. Uno observa que para Genet a ausência se transforma em presença e o branco do papel guarda em si ainda todas as possibilidades da existência do corpo. A esse branco que possibilita variações infinitas Uno denomina “plano de imanência” (p. 93), ideia que será discutida mais detalhadamente no contexto da obra em *Um plano de imanência singular*.

É importante observar que todos os elementos trazidos nos ensaios possuem uma fluência que rejeita qualquer princípio de hierarquia ou identidade, em permanente recusa à determinação de uma imagem. Toda escrita é um movimento que flui entre os textos dos autores e seu próprio texto, por meio de um pensamento filosófico permeado por poesia.

O que interessa a Uno nos autores que estuda não é a definição do corpo de um sujeito, mas a existência corpórea. Assim, Uno vai reconhecer a gênese do corpo como a gênese da vida por meio de diferentes imagens e textos culturais, tais como: a dança, o teatro, o cinema, etc.

A leitura de *A gênese de um corpo desconhecido* constitui-se numa importante oportunidade de alargar o campo de pesquisa de autores que desestabilizam os aspectos mais cartesianos e dogmáticos da filosofia da razão europeia, num viés que os aproxima,

de certa forma, da filosofia do Oriente. Uma noção de Oriente que ultrapassa nacionalidades e que pode ser considerada universal.

### **Referências**

- ARTAUD, A. Pour en finir avec le jugement du dieu. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1974.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 3.
- GENET, J. L'atelier d'Alberto Giacometti. In: \_\_\_\_\_. *Oeuvres complètes*. São Paulo: Cosac & Naif, 1979. t. V.
- \_\_\_\_\_. *Un captif amoureux*. Paris: Gallimard, 1986. [*Um cativo apaixonado*]. São Paulo: Arx, 2003.
- UNO, K. Traduire des voix. *Revue Multitudes*, Paris: Association Multitudes, n. 29, p. 153-160, 2007.